

**A PICOO E A PROMOÇÃO DO DIÁLOGO INTERCULTURAL
ENTREVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS INTERCULTURAIS (CEI) DO ISCAP AO
DR. BURHAN AKALIN, DIRECTOR DA ASSOCIAÇÃO LUSO-TURCA DO PORTO E
DA PLATAFORMA INTERCULTURAL OCIDENTE ORIENTE (PICOO)**

Pergunta 1 – Recentemente criada, a PICOO realizou já diversas actividades em prol do diálogo harmonioso entre culturas. Qual o balanço que faz das actividades da PICOO? E quais são os seus próximos projetos?

A PICOO foi criada em 2011 pela Associação de Amizade Luso-Turca e tem como objectivos fundamentais a promoção da interculturalidade e a reflexão sobre os problemas actuais da sociedade moderna. Assim sendo, a nossa actividade tem consistido na consciencialização da sociedade civil para o diálogo intercultural - fundamental nos tempos de hoje em que culturas e valores diferentes vivem lado a lado na mesma cidade - e na organização de conferências, debates abertos e entrevistas que incidem sobre o diálogo de culturas e sobre os problemas actuais da humanidade, tais como a pobreza, os conflitos étnicos, a educação mundial, os conflitos internacionais, etc. Todas as entrevistas e a divulgação das conferências estão presentes para consulta no nosso site: www.picoo.eu.

Para o futuro, a nossa agenda passa essencialmente pela continuação do trabalho desenvolvido com as intuições de ensino superior, nossas parceiras, entre as quais o ISCAP, sendo a nossa próxima conferência já no dia 21 de Novembro na Universidade Lusófona do Porto.

Pergunta 2 – A PICOO destaca o riquíssimo património cultural de Portugal, bem como o seu contributo fundamental para a diversidade cultural, ao longo da História. De que modo poderá Portugal trazer para o presente essa missão secular e desenvolvê-la no actual contexto de conflito global?

Portugal é um país que não precisa de apresentações no que toca à temática da abertura a outros povos e a outras culturas. As navegações marítimas e o comércio

ultramarino proporcionaram ao país uma grande abertura aos contactos com outros povos e culturas e, com raras excepções ao longo da sua história, Portugal soube dar lugar à integração de outras culturas e não à assimilação da cultura portuguesa por aquelas. Hoje em dia, as problemáticas que surgem no mundo moderno acerca da integração de culturas prendem-se, sobretudo, com a imigração e com a sua percepção e gestão por parte dos diversos países. Na Europa, em especial, cuja identidade é constituída nas suas origens e na sua realidade contemporânea pela pluralidade de componentes culturais, religiosas, sociais e políticas, assiste-se hoje a um fenómeno ao qual não podemos ficar indiferentes: o do crescimento de partidos de ideologia de extrema-direita, contrários à diversidade cultural e à imigração na Europa, que se baseiam em discursos nacionalistas e xenófobos... E pegando novamente na questão colocada, é aqui que Portugal deverá dar o exemplo aos outros países europeus, ao nível da integração dos imigrantes (e por inerência, das suas identidades e tradições culturais) e na visão aberta que ainda subsiste na sociedade portuguesa face à imigração, pois o país tem sabido aproveitar as vantagens que os imigrantes trouxeram nos últimos anos. Não é por acaso que em 2011 Portugal surgiu em primeiro lugar de entre 31 países no Índice de Políticas de Integração de Migrantes, tendo as melhores políticas de integração de imigrantes na vertente da reunificação familiar e do acesso à nacionalidade, e em segundo lugar na vertente da integração dos imigrantes no mercado de trabalho. Isto só é possível porque em Portugal não se adoptou um discurso nacionalista e xenófobo, fechado às outras culturas e ao acolhimento dos estrangeiros. Por exemplo, ao passo que em muitos outros países afectados pela crise económica e pelo desemprego, se levantam vozes a culpabilizar os imigrantes por “trazerem aumentos da criminalidade” e por “tirarem o trabalho aos nacionais”, em Portugal soube-se reconhecer a demagogia destas afirmações, pois o que se verifica é que os imigrantes se ocupam de trabalhos que os nacionais hoje rejeitam (sobretudo trabalhos menos qualificados). E mais: se quisermos falar de contribuições directas e indirectas que os outros povos trouxeram até Portugal e até à Europa, basta falar no seu contributo para as contas públicas, para a sustentabilidade da segurança social, para a taxa de natalidade europeia, etc...

Como disse um dia o ex-Secretário Geral das Nações Unidas, Kofi Annan, «se for dada a oportunidade aos Imigrantes de explorarem ao máximo o seu potencial, a vasta maioria tornar-se-á uma mais-valia para a sociedade». É precisamente esta mudança de mentalidade e de percepção das questões culturais e sociais que tem de ser

encarada como prioritária no mundo actual e, muito em especial, nos países europeus, sendo Portugal um exemplo a seguir neste campo. Isto porque, de acordo com os dados do ACIDI, convivem hoje mais de 150 nacionalidades em Portugal e o país soube acolher estas pessoas e reconhecer a diversidade cultural como factor positivo. Iniciativas como o Programa Escolhas - que vai já na sua 5ª edição – e o programa televisivo NÓS, exibido semanalmente na RTP2, são louváveis e põem em evidência o esforço que Portugal fez e continua a fazer para a integração dos seus imigrantes e para a consciencialização da sociedade civil para a interculturalidade e para os contributos das outras culturas e dos seus cidadãos para uma sociedade mais rica e desenvolvida. Mesmo países europeus com largas comunidades de imigrantes já de 2º e 3º geração continuam a enfrentar problemas de integração, mas em Portugal os imigrantes não se queixam de discriminação nem de falta de integração: é por isso que Portugal deve ser olhado como um exemplo a seguir para a Europa e para o Mundo.

Pergunta 3 – De que modo a PICOO consegue levar a cabo o objectivo de encontrar pontos em comum entre diferentes grupos socioculturais – nomeadamente entre Portugal e a Turquia – e assim contribuir para a promoção de valores universais éticos?

A PICOO colabora com a Associação de Amizade Luso-Turca (ALT) na promoção e divulgação da cultura turca em Portugal. A Turquia é um país vastíssimo e ela própria incorporou, ao longo da sua história, a cultura e as tradições de outros povos que a habitaram. Podemos hoje dizer que a cultura turca assenta essencialmente nas tradições islâmicas e do Império Otomano, ao passo que a cultura Portuguesa assenta na tradição judaico-cristã e europeia. Para nós isto não constitui um impedimento mas antes uma oportunidade de descoberta mútua de identidades e culturas, sob o princípio do diálogo harmonioso e respeitoso entre ambos os países. É, assim, possível e desejável o encontro entre ambas estas culturas, cujos valores universais não são assim tão diferentes como se possa pensar. A nível religioso, por exemplo, tanto a matriz judaico-cristã como a matriz islâmica promovem o respeito pela dignidade da pessoa humana, pela liberdade de pensamento, pela solidariedade humana e a mútua convivência pacífica entre culturas e religiões. Em Portugal a ALT tem feito um trabalho fundamental para o encontro das nossas culturas, nomeadamente através da realização de workshops, seminários, exibição de filmes, e a abertura para o diálogo amigável com a população portuguesa. O feedback que vamos tendo é

extremamente positivo e a ALT irá continuar o bom trabalho até agora desenvolvido. Para além de tudo isto, temos os estudantes turcos que todos os anos escolhem Portugal para realizar os seus estudos superiores e que são, acima de tudo, o nosso «cartão de visita», pois são eles que muitas vezes, nas suas universidades, nos seus grupos sociais e na sua comunidade, trazem até aos portugueses a cultura, a língua e os valores turcos, contribuindo decisivamente para o encontro das nossas civilizações e dos nossos valores comuns.

Pergunta 4 – Ao focalizar a coexistência de culturas e etnias no mesmo espaço de vida comum, a PICOO está a promover a interculturalidade ou a multiculturalidade? Como é que a PICOO encara cada um destes conceitos?

A interculturalidade distingue-se da multiculturalidade pela sua intenção directa de fomentar o diálogo e a relação entre culturas, ao passo que a multiculturalidade ou multiculturalismo se fica pela aceitação da existência de diversas culturas numa cidade ou país, estando estas separadas e sem inter-relacionamento. Ora, para a PICOO, o chamado “mosaico cultural” do multiculturalismo, sendo bom, não é o suficiente, pois a nossa visão vai mais além. Nós gostaríamos de implementar uma efectiva interculturalidade, assente na comunicação harmoniosa entre as várias culturas existentes em Portugal, pois acreditamos que é sempre possível encontrar pontos comuns no meio das diferenças que nos separam e que todos temos bastante a aprender com as outras culturas, que nos acrescentam sempre algo de novo. Acreditamos que em Portugal já se começou a traçar o caminho para a interculturalidade.

Pergunta 5 – Por fim, uma questão que cruza o quotidiano de todos nós: é possível o diálogo e o entendimento entre os muitos Ocidentes e os muitos Orientes que constituem o mundo contemporâneo?

Efectivamente, o mundo de hoje está ainda longe do ideal de diálogo e entendimento entre o Oriente e Ocidente, pois todos os dias vemos nos noticiários o acentuar das divergências entre países e culturas diferentes, cada um responsabilizando o outro pela «incompatibilidade» dos seus valores e pela impossibilidade do diálogo. Contudo, não tem necessariamente de ser assim. A própria

história nos comprova que as visões extremadas e isolacionistas nunca foram benéficas para ninguém, pois, inevitavelmente, conduzem aos conflitos armados, à violência e à perda da visão do outro. A humanidade tem de progredir e evoluir para uma realidade que ponha de parte os conflitos bélicos e os fanatismos de parte a parte e por isso aqueles que persistirem na intolerância e na visão fechada aos outros países, culturas, religiões, etc, não podem ser tomados a sério nem incentivados no mundo contemporâneo.

Para nós, sim, é possível criar uma plataforma de entendimento comum, por muito pequena que esta possa ser, pois, tal com explicamos numa das perguntas anteriores, o mundo ocidental e o mundo oriental não estão assim tão desfasados e muitas vezes ver as suas diferenças ou o seu espírito comum é uma questão de perspectiva... Infelizmente, os media têm bastante culpa a assumir nesta matéria, pois preferem enfatizar os conflitos e as diferenças de parte a parte do que promover o entendimento e dar a conhecer a ambas as partes os seus valores comuns. Cada pessoa deve ser capaz de ver para além das diferenças de posição pois, no fundo, todos nós queremos o mesmo: um futuro próspero e pacífico, com mútuo respeito e solidariedade pelos nossos semelhantes – que são a humanidade inteira e não o nosso grupo social, étnico ou religioso. É preciso, de uma vez por todas, acabar com os fanatismos que destroem a sociedade e o respeito entre os homens e colocar os nossos valores comuns acima das nossas divergências neste ou naquele ponto particular. Acreditamos que com a cooperação da sociedade civil, dos políticos, dos diplomatas, dos mediadores interculturais, tal sonho pode ser possível.

26 de Novembro de 2014